



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**CLAUDIO LAZZAROTTO
(depoimento)**

2012

CEME – ESEF – UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E336

Entrevistado: Claudio Antônio Guerra Lazzarotto

Nascimento: 18/04/1940.

Local da entrevista: Residência do entrevistado, Florianópolis - SC.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 10/02/2012.

Transcrição: Christiane Garcia Macedo

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 29 minutos

Páginas Digitadas: 6 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

LAZZAROTTO, Claudio Antônio Guerra. *Claudio Lazzarotto (depoimento, 2012)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2012.

Sumário

Envolvimento com as tradições gaúchas; contexto da época e valorização do folclore; formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”; integrantes do grupo; Estrutura do grupo; Apoios.

Florianópolis, 10 de fevereiro de 2012. Entrevista com Claudio Lazzarotto, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Nome completo?

C.L. – Claudio Antônio Guerra Lazzarotto.

C.M. – Data de nascimento?

C.L. – 18 de abril de 1940.

C.M. – Local de nascimento?

C.L. – Porto Alegre¹.

C.M. – Como se deu seu envolvimento com as tradições gaúchas?

C.L. – Eu tinha 16 anos, quando fui levado pela minha irmã ao conservatório musical, onde ela era professora, lecionava música, e me levou ao conservatório para fazer parte de um grupo de dança gaúcha que estava sendo formado no conservatório. Eu e mais a rapaziada que foram convidados, começamos a nos reunir e fundamos o CTG² Sepé Tiaraju No Conservatório Musical, na Policlínica Santo Inácio no bairro São Geraldo em Porto Alegre.

C.M. – Na época o folclore e as danças eram valorizadas em Porto Alegre? Existiam muitos CTGs? Havia competições de dança nos CTGs? Como eram as relações dos CTGs com as Escolas de Balé?

C.L. – Nesta época, mais ou menos 1957, nem o folclore, nem as danças gaúchas eram valorizadas. Quando nós saíamos pilchados³ na rua, éramos tachados de “grosso”. Os CTGs eram muito poucos, portanto não havia competições de dança na época. Neste mesmo ano de 1957, eu entrei na Escola da Varig⁴, fui estudar na Escola da Varig, e continuava ensaiando duas vezes por semana no CTG Sepé Tiaraju. Um detalhe marcante, histórico, antológico do CTG Sepé Tiaraju, lá eu conheci o nosso professor de dança, que em todos os ensaios ia nos ensinar as danças gaúchas, ele vinha do CTG 35⁵, que foi o pioneiro. Então o CTG 35 mandava, ou melhor, escalava o professor Genes Pacheco. Este era o nosso professor de dança na época. Com ele tive o conhecimento da

¹ Capital do Rio Grande do Sul.

² Centro de Tradições Gaúchas.

³ Trajados com roupas características gaúchas.

⁴ Empresa de Aviação muito importante na época.

chula. Aquele sapateio me encantou tanto, que eu não parei mais de sapatear até hoje. O culpado foi o Genes Pacheco do CTG 35. Então neste ano de 1957, eu estudando na Varig e ensaiando no CTG Sepé Tiaraju, tivemos a ideia, meus colegas alunos da Varig e mais alguns funcionários da Varig, o líder era o Julio Vargas, reunimos um grupo e fundamos o CTG Pagos da Saudade da Varig. Isso foi em 1958 . A partir daí nos fazíamos a reuniões na Varig, no Ginásio de Esportes, também era uma ou duas vezes na semana e eu corria mais um ou duas vezes para o CTG Sepé Tiaraju então eu tinha três ou quatro ensaios por semana nos dois CTGs. Somente a partir de 1958 ou 1959 é que começaram as competições internas dos CTGs. Eu tenho registro do primeiro concurso estadual de chula, de sapateadores que aconteceu no estado do Rio Grande do Sul, foi organizado pelo Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore que é órgão do Governo do Estado, que existe até hoje. Na época o presidente do Instituto era o Doutor Carlos Galvão Krebs e o assistente era o Antônio Augusto Fagundes, que na época era estudante de direito da Universidade do Rio Grande do Sul. Ele era funcionário do instituto e coordenou este concurso em setembro, na Semana Farroupilha de 1960. Eu não tenho registro de competições em Rio Grande antes de 1960. Até porque eu ainda tinha 19 anos. Então quando surgiu este festival eu já vinha participando a dois anos de ensaios nos CTGs, CTG Sepé Tiaraju e CTG Pagos da Saudade. Daí quando abriu inscrição do Campeonato de Chula, me inscreveram para participar deste concurso estadual. E qual não foi minha surpresa quando eu me sagrei campeão deste concurso, e o brilhante sapateador Carlos Castillo foi vice-campeão. Veja bem, isso foi 1960. Volta um pouco. Em 1959, em dezembro de 1959, eu fui convidado para participar de uma reunião de um grupo de rapazes e moças na qual fundamos o Conjunto de Folclore Internacional⁶. Aí então os fundadores desse conjunto você já tem, que a Nilva e o Antônio Augusto te passaram. E são os mesmos. Cinco pares, o Ery Assenato e a esposa dele, o Juarez da Fonseca, o Carlos Castillo, o Jorge Karam e eu. Agente tinha que ensaiar todos os dias, quem nos dirigia era a Marina Cortinas, uma uruguaia. Uma vez juntado as pessoas, agente começou a ensaiar quase diariamente. Era um baita problema para mim, porque eu tinha ensaio no CTG Sepé Tiaraju, eu tinha ensaio com o CTG Pagos da Saudade da Varig, e a partir de então eu tinha ensaio também com o Conjunto de Folclore Internacional. Eu ensaiava todas as noites o mês inteiro, não falhava uma, sempre era

⁵ Ou 35 CTG, o primeiro CTG existente formado em 1948.

⁶ Atualmente conhecido como Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”.

ensaio com algum deles. E o problema maior era quando tinha apresentações e espetáculos com dois no mesmo dia. Quantas e quantas vezes adaptavam o horário de um espetáculo, digamos no CTG da Varig para uma determinada hora, para que eu saísse correndo dali e fosse apresentar com o Conjunto de Folclore Internacional num outro horário no mesmo dia, porque nos três lugares eu era o sapateador de chula. E no caso do Conjunto de Folclore Internacional eu sapateava também o Malambo, na estampa de dança Argentina. Então eu não podia faltar em nenhuma apresentação porque eu era solista, era um baita de um problema. Mas isso durou até 1966. Quando eu sai de Porto Alegre e fui morar em São Paulo. Então durante sete anos eu participei ativamente nos três CTGs. Nesses sete anos o que mais se destacou foi o Conjunto Internacional e o CTG da Varig. Porque quando eu ganhei o Campeonato de Chula do estado, eu fui inscrito neste festival pelo CTG Pagos da Saudade da Varig, e aí quando eu ganhei o campeonato foi manchete nos jornais da época, os grandes jornais eram o Correio do Povo e um outro da Tarde do Caldas Junior. Eu fui capa de jornal nos dois, e o que que saiu lá? “Sapateador da Varig venceu certame estadual”. No outro dia eu estava lá na escolinha da Varig, e a diretoria da Varig mandou me chamar. Eu fui tremendo. E quem queria falar comigo? O presidente Rubem Berta. Para me dar os parabéns pelo destaque no campeonato e por ter levado o nome da Varig a este patamar. A partir daí, o senhor Rubem Berta mandou construir um galpão para o CTG no pátio da Varig. Mandou a Dona Alice Klauss, que era a executiva dele na presidência, acompanhar o CTG dar todo o apoio, guarda roupa, instrumentos, ensaios, infraestrutura, retaguarda. E ele me pediu para desenvolver bem o grupo de dança, que ele ia passar a levar o folclore gaúcho nas asas dos aviões da Varig pelo Brasil e mundo. Eu fiquei mais estes cinco ou seis anos viajando pelo mundo com o CTG da Varig, na companhia do Senhor Rubem Berta e a diretoria, em Milão, Roma, Frankfurt, Nova York. Onde a Varig tinha escalas eles apresentavam espetáculos do grupo de folclore gaúcho dos funcionários da Varig, esta era a grande colocação da Varig, porque eram os próprios funcionários, que éramos nós. Estes detalhes eram fora do conjunto internacional, que era outra coisa. Também nesses seis anos viajamos o Brasil e o mundo, apresentando folclore internacional. O CTG da Varig era só folclore gaúcho.

C.M. – Como era a relação dos CTGs com as escolas de balé?

C.L. – Nenhuma. Não tinha relação. Nada a ver, com escolas de balé. Nenhum CTG tinha esta relação e não tem até hoje. A única relação que eu presenciei de balé com grupo de

dança, não foi com nenhum CTG, o que aconteceu foi que a Nilva Dutra Pinto e a Nilza Dutra Pinto, fundadoras junto comigo do Conjunto Internacional eram bailarinas de balé, essa influência delas foi de grande importância no estilo do Conjunto Internacional tem até hoje. A classe, a categoria, a postura, a coreografia, tudo que foi implantado pela Nilva e pela Ziza desde a sua fundação. Essa é a única ligação que eu conheço, não conheço outra.

C.M. – E como o senhor foi convidado para ir nessa reunião de fundação do grupo?

C.L. – Eu não lembro quem foi que me levou. Espera um pouco, porque em 1959, dezembro, eu ainda não era campeão de chula do estado, mas eu era um expoente de chula. Em Porto Alegre, os CTGs, comentavam, eu já era bem conhecido como sapateador. O Conjunto de Folclore Internacional precisava de um sapateador de chula e para apresentação de malambo no folclore argentino. Que eu não conhecia, eu só sabia chula. Os músicos, talvez seja por aí, porque o Conjunto Internacional na sua formação não tinha músicos, nem instrumentos, e existia em Porto Alegre um grupo de vocal de música gaúcha que era “Os Carreiros”. Um dos integrantes até hoje é destaque no Rio Grande, que é o Paulinho Pires, tocador de Serrote. O Paulinho Pires, o Serrano, o Edu Reus tinha um quarto elemento que fazia parte dos “Carreiros”. Eles passaram a ser a parte musical do Conjunto Internacional. O Edu, olha só a ligação, veio a cabeça, o Edu Reus era o líder, o gaitero e o vocalista dos “Carreiros”. O Edu com o grupo dele tocava para os ensaios do Conjunto Internacional. O Edu tocava para o Claudio sapatear chula. O Edu era meu gaitero em todos os shows, em todos os concursos, em todas as apresentações. Inclusive no campeonato estadual que foi no Ginásio de Esporte do Grêmio Náutico União, ali na Quintino Bocaiuva que está lá até hoje. Tinha gente saindo pelo ladrão de tão lotado que estava. O Edu era meu gaitero, não só para este concurso, como nas minhas apresentações e também nas viagens com o CTG Pagos da Saudades, o Edu, o Paulinho e o Serrano eram convidados e viajavam conosco pela Europa, porque era importante a apresentação deles como vocalistas e o Edu como meu gaitero.

C.M. – Vocês tiveram algum apoio econômico ou político neste início do grupo?

C.L. – Nunca, nada. Nem apoio político, nem financeiro de ninguém. Não recebíamos nada de ninguém. Cada um custeava sua passagem de ônibus para ir para os ensaios, pois naquela época ninguém tinha recurso. Cada um arrumava sua bombacha, suas botas, cada um se virava do jeito que desse, porque não existia apoio não.

C.M. – Como foram as primeiras apresentações?

C.L. – Eu não tenho lembrança não. A Nilva deve ter registro disso. Quem escolhia as músicas e as danças era a Nilva e a professora Marina Cortinas, elas escolhiam e agente obedecia. Eu não lembro quais eram as danças.

C.M. – Como a Nilva virou diretora? Teve alguma eleição?

C.L. – Nunca houve eleição porque desde o começo, desde o primeiro dia a Nilva como coordenadora da reunião demonstrou uma coordenação, uma competência, uma qualidade, até hoje, é incrível a capacidade da Nilva. Ela não virou diretora, ela formou-se, ela conquistou. Por 52 anos ela não deixou de ser diretora. Ela é fantástica.

C.M. – E o primeiro diretor executivo você lembra quem foi?

C.L. – Eu não lembro. Na época não tinha. Hoje eu acho que tem. A Nilva deve lembrar.

C.M. – As pessoas que vinham dos CTGs, os homens e a Cecília...

C.L. – A Cecília era mulher do Ery Assenato.

C.M. – Os que vinham de CTGs, como eles encararam os elementos que vinham do balé dentro do Conjunto?

C.L. – Harmoniosamente, maravilhosamente bem. Quem veio de CTG foi o Ery, a Cecília, o Carlos Castillo, o Jorge Karam.

C.M. – O Juarez era de qual CTG?

C.L. – O Juarez era junto com o Ery e o Carlos Castillo de um CTG que eu não me lembro o nome. O Juarez é irmão da Cecília, para você saber. Queridíssimo amigo, falecido já.

C.M. – O senhor saiu do grupo para ir para São Paulo?

C.L. – Eu sai do grupo em dezembro de 1966. Eu sai do grupo e fui a São Paulo para casar com a Marina C. Cruz, que estou casado com ela até hoje, morando em Florianópolis a 10 anos. Eu fiquei trabalhando e morando em São Paulo. Mas sempre, nos 36 anos que eu morei em São Paulo, toda vez que eu ia a Porto Alegre eu me reunia com o pessoal do Conjunto Internacional, participava de ensaio, de reuniões. Estando em Porto Alegre eu estava sempre presente. Estando em São Paulo eu mantinha contato permanente com a Nilva e detalhe, a cada cinco anos o Conjunto comemorava com um espetáculo, todo o 5 de dezembro, um espetáculo de aniversário da formação do grupo. O espetáculo era sempre apresentado no Teatro São Pedro. Eu vinha uma semana antes de São Paulo para Porto Alegre participava do ensaio do grupo e me apresentava junto com o grupo no Teatro São Pedro. Comemoração dos 30 anos, dos 35, dos 40, dos 45 e dos 50. Eu participei do espetáculo comemorativo sapateando e dançando.

C.M. – O senhor tem mais alguma para registrar sobre a história do conjunto?

C.L. – Christiane, não me ocorre nada agora. Eu já falei o que tinha na minha cabeça. Se eu lembrar de algo, te digo.

C.M. – Tudo bem. Agradeço a contribuição.